

PE-187 - ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE DENGUE EM CRIANÇAS ATÉ 14 ANOS NO RIO GRANDE DO SUL

Clara Régio Loeffler¹, Antônio Leal Pacheco¹, Eduarda Jovigevicius¹, Karoline Renata Brambatti¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Introdução: Considerada a arbovirose mais frequente no Brasil, a dengue representa um sério problema de saúde pública devido ao aumento no número de casos da doença. No Rio Grande do Sul (RS), no período entre 2023 até fevereiro de 2024, foram notificados 7.941 casos em crianças até os 14 anos de idade. **Objetivo:** Analisar o número de casos de dengue em crianças, entre 0 a 14 anos de idade, no Rio Grande do Sul, entre o período de janeiro de 2023 a fevereiro de 2024. **Metodologia:** Estudo epidemiológico transversal descritivo a partir dos dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), de janeiro de 2023 a fevereiro de 2024. As variáveis estudadas foram dengue, hospitalizações, evolução, critério de confirmação, classificação final, macrorregião de saúde, município de notificação, sexo e faixa etária. **Resultados:** Os casos notificados de dengue, na faixa etária entre 0 a 14 anos de idade, correspondem a 13,6% do total de casos do RS. Constatou-se que dos 7.941 casos no Estado, 36,5% estão concentrados na região Metropolitana de Porto Alegre, sendo essa a região com mais casos, seguida pela Centro-Oeste, com 21,5%. Santa Maria é a cidade do RS com o maior número de casos (19,8%), seguida por Porto Alegre (12,8%). Observou-se um crescimento de 59 vezes no total de casos notificados da doença entre janeiro e fevereiro de 2024 (2.544 casos), em relação ao mesmo período de 2023 (43 casos). O maior coeficiente de incidência é na faixa etária de 10 a 14 anos (46,4%). O sexo masculino representa 54,6% de todos os casos, e o feminino 45,4%. Os casos de dengue grave e de dengue com sinais de alarme somam 1,3% dos casos, excluindo-se os dados ignorados. Observou-se a ocorrência de hospitalização em somente 4,3% dos casos, sendo 37,9% dos hospitalizados indivíduos entre 10 a 14 anos. Do total de casos, excluindo-se os dados ignorados, constatou-se 02 óbitos pelo agravo notificado. **Conclusão:** Conclui-se que o maior número de casos está concentrado na região Metropolitana de Porto Alegre. Santa Maria é a cidade gaúcha com mais casos. Nos dois primeiros meses de 2024, o total de casos aumentou 59 vezes em comparação ao mesmo período de 2023. A incidência é maior naqueles indivíduos entre 10 a 14 anos de idade. O sexo masculino parece ser mais afetado. Na população de estudo, são observadas poucas hospitalizações. Os números de óbitos e de casos graves são baixos.

PE-188 - FÍSTULA LIQUÓRICA APÓS TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO: UM RELATO DE CASO

Isabella Ortega de Lima¹, Luiz Roberto Braun Filho¹, Flavia Branco de Freitas Dias Hoffmann¹, Erika de Freitas Schumacher², Graciela Dahmer¹, Barbara Malta Queiroz Ferreira Alves¹, Luciana dos Santos Celia Fossari¹, Sandra Mara Witkowski¹

1. Hospital Infantil Pequeno Anjo, 2. Universidade do Vale do Itajaí.

Introdução: Fístulas liquóricas ocorrem quando há ruptura dural que permite a passagem do líquido cefalorraquidiano do espaço subaracnóideo para o espaço extradural, sendo mais comum ocorrerem por trauma craniofacial afetando seio frontal e seio etmoidal. **Relato de caso:** Caso de fístula liquórica pós-traumática em uma paciente feminina, onze meses de vida, branca, sem comorbidades prévias que apresentou queda sete dias antes da internação, que evoluiu dois dias antes da entrada com abaulamento em região frontoparietal à direita, com aumento progressivo. Realizada tomografia computadorizada de crânio que evidenciou fratura de osso parietal à direita, com fístula liquórica no local. **Discussão:** Aponta-se o caso como atípico, devido a localização e mecanismos não habituais. Considerando-se a prevalência de traumatismos cranioencefálicos na faixa etária pediátrica, é de suma importância considerar fístulas liquóricas como diagnóstico diferencial de abaulamentos cranianos pós-traumáticos.